

Barra do Riacho: mais 8 mil operários até dezembro

Texto de José Maria Batista
Fotos de Gildo Loiola

Mais que a poluição, os moradores em Barra do Riacho, município de Aracruz, temem a chegada de 8 mil trabalhadores que deverão estar residindo na região até o final do ano. Eles estão chegando desde o início deste ano, para trabalhar na exploração de urânio, construção de um ramal ferroviário para transporte de celulose e na construção da fábrica de papel que irá se instalar no município. Com eles deverão retornar os crimes de morte, estupros, cenas de violências nas ruas, assaltos e a prostituição.

O prefeito da cidade, Heraldo Musso, diz que não tem condições de evitar a onda de crimes que se avizinha da cidade, prometendo o mesmo clima de insegurança que a cidade vivia há seis meses, quando as empreiteiras da Aracruz Celulose trabalhavam a pleno vapor. Heraldo reclama a falta de ajuda do Governo Estadual, que não atende seus pedidos. Entre outras reivindicações, ele vem solicitando o aumento do efetivo policial da cidade, atualmente representado por 22 homens, dez dos quais trabalhando dentro da "fábrica" da Aracruz Celulose.

10780 1
SEGURANÇA

O delegado de Aracruz, sargento PM Hernany Magalhães Lage, afirma que a situação no município é de calma. "Estou aqui a sete meses e ainda não aconteceu nenhum problema de maior gravidade". No entanto ele admite que existem problemas especialmente nos fins de semana, quando moradores começam a beber às 16 horas da tarde, parando somente no domingo. O sargento diz que atualmente a sua preocupação é desenvolver um trabalho preventivo. Assim, nos finais de semana, quando o consumo de cachaça aumenta a ponto de trazer preocupação para as autoridades que respondem pela segurança do município, os policiais saem para as ruas, num trabalho de "advertência" aos bêbados que se envolvem em confusões.

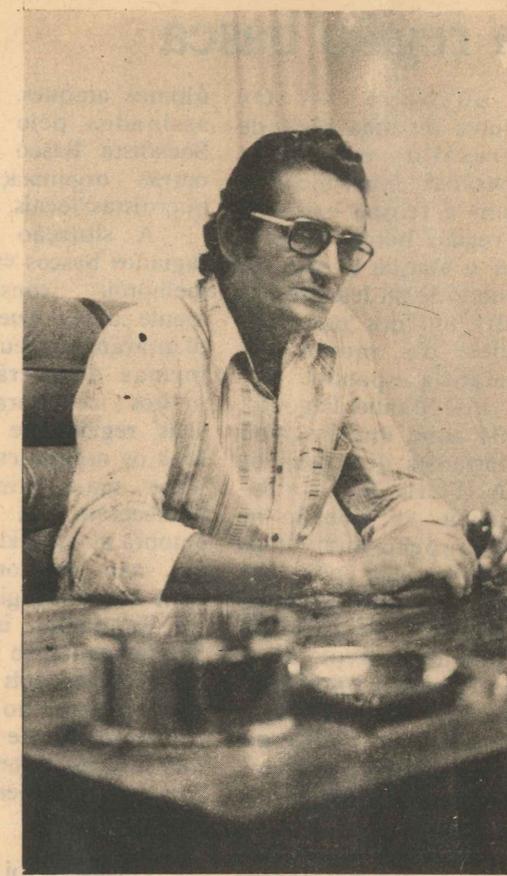
A Delegacia de Polícia recebe diariamente uma média de 60 pessoas reclamando de diversos problemas. Em sua maioria são pedidos de atestado de pobreza, conforme o delegado Hernany faz questão de frisar. Mas existem também casos de agressão, os mais comuns, que são resolvidos em seu próprio gabinete. A cadeia pública, aguardando uma reforma e ampliação desde 1976, não comporta mais os presos existentes.

PRESOS

Nos quatro cubículos estão detidos 42 presos da Justiça. Alguns estão



Diariamente, 60 pessoas procuram a Delegacia com pedidos de atestados de pobreza. Nos cubículos não há mais vagas



Heraldo Musso não vê solução

Moradores: uma terra de ninguém

Isso aqui é uma "terra de ninguém". A afirmativa é feita pelos moradores da Barra do Riacho, que não têm certeza nem mesmo do teto onde residem. E o prefeito Heraldo Musso admite que a situação do distrito é exatamente a traduzida pelos moradores, acrescida agora do mesmo clima de insegurança proporcionado pelo retorno dos oito mil "pedes" que já começaram a invadir a cidade. A prova maior do retorno do caos é a reabertura da zona boêmia.

As críticas atingem inclusive os policiais que ali trabalham. Segundo José Simões, um dos moradores considerado líder do lugar, "todos eles estão ficando ricos". Ele faz críticas à reabertura da zona boêmia e teme que as mulheres voltem a circular pelas ruas principais da cidade. Elas já começaram a chegar, existindo atualmente 20 nas quatro casas de diversões que estão funcionando. Na época áurea das empreiteiras existiam pelo menos 18 cabarés em pleno funcionamento e cada um deles com uma média de 15 a 20 mulheres.

PROBLEMAS

Dona Anardete Fassini Souza, diretora da Escola Caboclo Bernardo e integrante do centro comunitário local, revela os problemas que Barra do Riacho viveu e que ela teme tornem a se verificar. Elas denunciou que, no ano passado, crianças de dois anos eram portadoras de doenças venéreas e que, na sala de aula, meninos de nove anos procuravam manter relações sexuais com as meninas, desenhavam e repetiam as obscenidades praticadas pelas mulheres na via pública. Isso porque a zona boêmia, antes de ser fechada — e reaberta agora — funcionava no centro da cidade, a menos de 200 metros do centro comercial.

A professora denunciou também que, até hoje, dezenas de crianças residem na zona

Apesar de localizada a 1,5 quilômetro do porto do Portocel e a 3,5 quilômetros da usina de celulose, submetida a todo o processo de poluição e mau-cheiro provocado pela indústria, os moradores consideram a falta de rede de esgotos e o isolamento em que vivem como o maior problema. O pensamento de José Simões, ex-farmacêutico de Baixo Guandu e atualmente proprietário de alguns imóveis na cidade, reflete, de um modo geral, o pensamento de toda a população: "A única rede de esgoto existente, de cerca de 200 metros, foi construída com o dinheiro dos habitantes daqui. Cada um contribuiu com alguma importância em dinheiro.

"Quando chove" — é ele ainda quem diz — "nós ficamos isolados. A única estrada existente está em condições precárias. A empreiteira Oxford, encarregada do asfaltamento, fez um serviço mal feito e existem vários quilômetros ainda sem asfaltamento. Existia um telefone público, que foi retirado, e o posto médico funciona apenas um vez por semana. E mesmo assim", conforme ressalta José Simões, "graças a um médico do Projeto Rondon. Caso se verifique algum problema médico de maior gravidade, o doente tem que se sumeter aos cuidados de um farmacêutico, único estabelecido no local, ou do próprio José Simões".

O índice de doenças venéreas, hoje bem baixo, já atingiu índices elevadíssimos, principalmente em meio às crianças e à juventude. Com a zona boêmia funcionando quase no centro comercial da cidade e junto ao campo de futebol, as crianças são obrigadas a conviver com a promiscuidade do prostíbulo. Durante os últimos quatro meses ele permaneceu fechado e a sua reabertura, verificada há dez dias, tem sido atribuída ao prefeito Heraldo Musso. Ele, no entanto, nega que tenha permitido o seu funcionamento, explicando ainda que caso seja necessário irá

Os piores anos para as famílias de Barra do Riacho foram 1976 e 1977. Elas agora tentam se preparar para viver novamente a mesma situação com a chegada dos trabalhadores para as novas indústrias, especialmente para a fábrica de papel que deverá funcionar nas mediações da atual fábrica da Aracruz Celulose. A professora lembra que mesmo durante o ano de 1978 a situação foi caótica e até bem pouco tempo antes das eleições nenhuma mulher poderia sair na rua depois da seis horas sob pena de ser agredida. E tudo sob a vista complacente — segundo os moradores — do destacamento policial local, segundo eles, mais preocupado em espancar mulheres e enriquecer rapidamente. Prova é que, conforme afirma José Simões, todos eles têm carro.

PUNIDO

Casado com Ida Vidal da Silva, proprietária do Restaurante Bacaxá, João Pereira da Silva, 44 anos, foi punido pela Revolução de 1964 e condenado pela Auditoria da Marinha a três anos e quatro meses de prisão. Defendido pelo advogado Arnaldo Sussekind, ele conseguiu manter-se escondido no Rio de Janeiro, em Barra do Pirai até fins de 1975, quando veio para o Espírito Santo — refugiando-se em Barra do Riacho. Na época da Revolução ele era encarregado da CIPA, Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e por essa razão, conforme alega, taxado de comunista. Sua condenação aconteceu no mesmo processo que envolveu também o delegado do Sindicato dos Trabalhadores em Estaleiros do Rio de Janeiro, e empregado, como ele, dos Estaleiros Verolme, no Rio de Janeiro.

Ele não sabe em que pé está a sua situação perante a Justiça, agora que o AI-5 foi extinto, mas em contrapartida conhece bem

Delegado quer maconha liberada

"Para mim a maconha já devia ser liberada, pois nem se queimarem o país inteiro ela não vai acabar, já que ficarão as sementes, que serão plantadas novamente". O comentário é do delegado de Aracruz, sargento-PM Hernany Magalhães Lage, ao ser questionado sobre o combate aos tóxicos na cidade. Ele admite que ainda não conseguiu efetuar nenhum flagrante de tráfico de drogas mas não ignora que no interior da fábrica de celulose da Aracruz seu consumo é muito grande.

Este fato é também do conhecimento da maioria dos moradores de Aracruz, que acreditam, inclusive, na existência de uma plantação no meio dos eucaliptos. A Polícia foi inclusive informada da existência dessa plantação, mas depois de quase trinta dias de investigação, desistiu, nada encontrando. O delegado entende que necessita de informações mais precisas para proceder a uma busca, pois o município é muito grande e os policiais são poucos para serem deslocados especificamente para esta função.

Na cadeia existem quatro presos processados por tráfico de maconha.

Embora admitindo que o consumo de drogas tem aumentado no município, o delegado diz que o fato não se constitui em novidade. "Afinal, qual a cidade do Brasil onde o consumo de maconha tenha diminuído ou se mantido estável nos últimos anos? Assim, o que acontece aqui é um fenômeno de característica nacional. Temos procurado combater o consumo de drogas mas os traficantes cada dia se armam de novas técnicas e novos esquemas".

O sargento Hernany diz ainda que se for deslocar os seus policiais apenas para o combate ao consumo de drogas, deixará outros setores da segurança desguarnecidos, especialmente o trabalho preventivo, através do qual tenta evitar que as constantes discussões devido ao elevado consumo de bebidas alcoólicas na cidade, principialemente nos finais de semana. "Eu acredito que Aracruz é o local do Espírito Santo onde mais se bebe. Se eu fosse prender todos os embriagados não haveria onde colocá-los. Assim, eu me limito a determinar ao destacamento a execução de um trabalho preventivo, para evitar discussões maiores", afirmou.

Nos quatro cubículos estão detidos 42 presos da Justiça. Alguns estão "de portaria" e todos eles receberam um elogio do delegado: têm ótimo comportamento. Dezenove deles são condenados da Justiça aguardando transferência para o Instituto de Readaptação Social Professor Jair Ettiene Dessaune. Oito são condenados por roubo, cinco por tráfico de drogas, um por estelionato e os demais por assassinato. Apesar da calma que o delegado diz existir, atualmente, na cidade, nos últimos 30 dias foram apreendidas seis carabinas, quatro revólveres, diversas garruchas e uma infinidade de facas e punhais.

Esporadicamente a autoridade policial recolhe caixotes de armas, apreendidas em poder de moradores, e os atira no Rio Riacho. Nos seus sete meses à frente da Delegacia de Aracruz, o delegado Hernany já efetuou esta operação duas vezes. Ele informa ainda que, devido à proximidade das matas e da própria plantação de eucaliptos da Aracruz Celulose, todo o cidadão tem uma arma em casa. Na maioria das vezes é uma espingarda, embora o uso de revólveres e facas seja comum. As estatísticas existentes na Delegacia de Polícia, segundo informou o escrivão Bermudes, registraram 18 assassinatos no ano passado. A maioria deles cometido quando as empreiteiras da Aracruz Celulose mantinham seus canteiros de obras em plena atividade.

Durante o período em que os "peões" dominavam a cidade foram registrados casos escabrosos na Delegacia de Polícia. Uma menina, Vera Lúcia Pedro, de nove anos, morreu nas mãos de um tarado, Aloísio Teodoro de Souza, preso no dia seguinte, pelo então delegado Fernando Faustine. O tarado, depois de convencer a menina a acompanhá-lo mediante o pagamento de um picolé, estuprou-a e em seguida assassinou-a por estrangulamento. Até hoje a família da menina, Sidário Pedro e Maria Fernando Pedro e seus filhos, ainda não se recuperaram do trauma provocado pelo crime.

No final do ano passado um outro caso também foi registrado pela Polícia com a menor M. J., de 10 anos, que foi arrancada de sua bicicleta quando retornava para casa, sofrendo violências por todo o corpo, inclusive nos seios, que foram mordidos pelo tarado. A intervenção de dois desconhecidos evitou que ela fosse estuprada e morta. O criminoso desapareceu.

de permanência fechada e a sua reabertura, verificada há dez dias, tem sido atribuída ao prefeito Heraldo Musso. Ele, no entanto, nega que tenha permitido o seu funcionamento, explicando ainda que caso seja necessário irá pedir, novamente, ao secretário de Segurança, coronel Hugo de Castro Eisenlohr, que solucione de vez o problema.

POLITICA

A professora denunciou também que, até hoje, dezenas de crianças residem na zona boêmia, em regime de promiscuidade com mulheres e seus amantes, em sua totalidade "peões" que não acompanharam as empreiteiras, preferindo viver da exploração do sexo na cidade. Batalhadora pelo fechamento da zona boêmia, a professora Anardete aponta hoje uma solução para a vinda dos oito mil homens e que, inevitavelmente, deverão se instalar na cidade ou suas imediações: "Se as autoridades não têm condições de fechar o prostíbulo, então que o transfiram para um local mais distante do centro da cidade. O que não pode acontecer é que se verifiquem de novo os mesmos fatos do passado, quando as mulheres e moças de família eram confundidas com as mulheres de vida fácil".

Ela se recorda também que houve casos em que os peões chegaram a invadir residências de gente honesta confundindo-as com as casas de diversões. E cita também que a própria Escola Caboclo Bernardão esteve a ponto de ser invadida, quando cerca de cem pessoas se plantaram defronte o prédio. Ela própria foi obrigada a intervir, confessando hoje que temeu ser violentada, juntamente com os alunos que estudavam à noite, pelo grupo de homens. Anardete ressalta as condições negativas para as crianças, com o funcionamento da zona boêmia no local onde atualmente se acha instalada. E principalmente o fato dos prostíbulos funcionarem sem a mínima discricção.

Prefeito já cansou de ir ao Palácio

"Não existe solução para Barra do Riacho. O Governo não me ajuda e já cansei de me dirigir ao Palácio Anchieta pedindo verbas, mas me parece que o Estado também não vai bem. "O desabafo é do prefeito de Aracruz, Heraldo Musso, que prevê a renovação dos problemas do distrito com o aumento da população flutuante da cidade. Ele prevê que cerca de oito mil homens deverão chegar nos próximos meses, e a maioria deles irá se instalar naquele distrito.

Com um orçamento de Cr\$ 35 milhões para uma população de quase 40 mil habitantes, a Prefeitura, conforme suas afirmações, não tem condições de dotar, de imediato, a sede e os distritos de todas as exigências trazidas pela instalação da Aracruz Celulose. Apesar de a oferta de emprego ser maior que a procura, a chegada constante de trabalhadores cria um problema sério para o município, pois em sua maioria são braçais, sem as especializações que a Aracruz Celulose exige. Atualmente a cidade vem recebendo um fluxo maior de migrantes devido às informações de construção de uma fábrica de papel, da exploração de urânio e construção de um ramal ferroviário.

TERRAS

Heraldo Musso admite que no momento o seu problema maior não é nem mesmo a dotação de infra-estrutura aos distritos, alguns deles como Barra do Riacho e Guaraná — os maiores — a reclamar redes de esgotos, de água, calçamento e outras obras públicas. Suas dificuldades referem-se à invasão de terras, especialmente em Barra do Riacho onde ninguém sabe quem é proprietário de quê. A municipalidade, a Aracruz Celulose —

praticamente incrustada na cidade — e os moradores mais antigos reclamam para si diversas áreas.

Ele admite a existência de uma "polêmica tremenda" em torno do assunto, mas as soluções até agora não foram encontradas. Para ele nada será resolvido a curto ou médio prazo. Heraldo anunciou também a construção de um conjunto habitacional em convênio com a Aracruz Celulose, para dotar o município de mais 653 casas. Serão idênticas às do conjunto habitacional de Coqueiral, construído pela Aracruz para seus técnicos e engenheiros.

Mas sua preocupação maior é com os cidadãos de Barra do Riacho, distrito que irá sofrer novamente os problemas de aumento da população flutuante. Ele admite que "o município não tem condições adotar qualquer medida preventiva. Seria necessário a ajuda do Governo, mas já estive com o Elcio Álvares e não consegui nada. Não tem jeito mesmo e o povo de lá terá que pagar pelo progresso que o município tem recebido desde a implantação da Aracruz Celulose". Ele diz ainda que "não temos infra-estrutura pública ou social para atender ao problema como ele deve ser encarado".

Musso acrescenta que "temos procurado dar ao povo as condições que ele necessita, dentro das possibilidades do município, que são poucas". Falando especificamente sobre a reabertura da zona boêmia, Heraldo Musso disse que nesta semana irá visitar o distrito e tomar conhecimento da situação. "Já pedi para fechar uma vez e se for necessário fecho de novo. Agora o problema tem dois aspectos. Com este grande número de homens solteiros que estão chegando, de novo, entre a zona

boêmia e a segurança das mulheres honestas da cidade fico com a segunda".

"No entanto, a coisa tem que ser feita com jeito", esclarece o prefeito, concordando que no local onde está a zona boêmia de Riacho, ela não pode continuar. "Estamos tentando conter a situação mas o problema avoluma-se a cada dia que passa. Barra do Riacho é praticamente uma só família e seu crescimento desordenado, com centenas de estranhos no local, as susta o povo. Nós precisamos de apoio, mas o Governo Estadual nos tem negado isso. Já fizemos várias reuniões discutindo o problema de prostituição no centro da cidade e a sua proliferação. Foi um impacto muito grande para a cidade e ainda estamos procurando uma saída".

Entre essas saídas o prefeito acha que o policiamento deve ser aumentado. Atualmente o município conta com 22 policiais distribuídos na sede e seus quatro distritos. Mas são insuficientes porque 10 deles estão destacados para prestar serviços na segurança da Aracruz Celulose. "Nós precisamos aqui", diz Heraldo Musso, "de pelo menos 20 policiais para uma efetiva segurança da população. E este destacamento, para funcionar a contento, deve ser trocado, pelos menos, de seis em seis meses".

— De todo modo posso afirmar que o clima anterior, dos anos de 76 e 77, não irá mais existir na cidade nem que eu mesmo tenha que enfrentar a qualquer preço. Agora, se nos derem apoio, necessariamente não voltaremos a viver aquele clima de confusões e problemas, pois saberemos contornar a situação. Existe também o problema dos comerciantes que construíram no local e agora querem o retorno de suas rendas.

processados por tráfico de maconha. afirmou.

O lugar não é mais o mesmo

Marlene da Silva é uma das prostitutas que retornou a Barra do Riacho com a reabertura dos prostíbulos. Ela diz que veio apenas a passeio, rever alguns "fregueses" e que não pretende ficar. Acha que o local caiu muito e que dificilmente voltará a ter o mesmo esplendor da época de seu fechamento. Ela foi uma das 150 mulheres retiradas durante uma noite, há quatro meses passados, e colocadas dentro de um ônibus que as transportou para Minas Gerais, Bahia e mesmo para Vitória.

Com certa saudade, ela se lembra do período em que as boates do Zé do Boi, do Paulo, do Alemão, da Diana (onde trabalhava) a Tranque "vivam com mais de vinte mulheres cada uma, com os prostíbulos em plena ofervescência. Já ganhei muito dinheiro aqui. Mas não havia briga como o pessoal comenta. Apenas as confusões normais de qualquer lugar. Agora não vim para ficar. Estou apenas passando uns dias e devo voltar outra vez".

BAR

O "bar" onde Marlene se encontra "de férias" é de madeira, sujo, os copos lavados em uma bacia de água. Os fundos servem de abrigo para o proprietário e uma das famílias. Não tem quartos, servindo apenas de "ponto" de encontros.

Dali os casais se dirigem para alguns barracões de madeira, pertencentes, segundo as informações, a Darcy de Tal. Os barracões são pequenos, sem água, e alguns deles não possuem instalações elétricas. A maioria das casas da zona boêmia são de madeira. Existe uma, de alvenaria, cor-de-rosa, recém-construída e que ainda se encontra fechada.

Lá se reúnem as mulheres mais elegantes. As demais se espalham pelas dezenas de barracos e botecos de madeira, com seus balcões sujos e tira-gostos mal-cheirosos. Durante o

dia o movimento é pequeno, aumentando por volta de 18 horas, embora praticamente não exista iluminação no local. Marlene afirma que apesar de tudo quase não existiam brigas ali e que o "pessoal era muito bom" proporcionando bons lucros para as mulheres. Atualmente estão residindo no local cerca de 15 mulheres, convivendo em sua totalidade com os amantes conquistados entre os "peões" das empreiteiras.

CRIANÇAS

O número de crianças pelas ruas é muito grande. Quase todas apresentam características comuns: são magras, barrigudas, sujas e mal-vestidas. Marcelo, um garoto de cinco anos, é um exemplo desta situação. Ele não sabe o número de "irmãos" que tem mas diz que são muitos. Sua preocupação é "ser gente no futuro".

Ele diz que não gosta de Barra do Riacho e quer se mudar para Vitória. Veio de Linhares onde "a gente morava bem" e não "como aqui neste barraco". Ele, os pais, irmãos (alguns saíram de casa) e as irmãs residem em um pequeno barraco de dois cômodos, usados também pela mulheres da casa para encontros amorosos.

Aos cinco anos, Marcelo já conhece quase todos os problemas de ordem sexual e fala neles com um ar de travessura, como coisa comum e que assiste no dia-a-dia, sem no entanto compreender. Ele não frequenta escola e sua diversão maior é perseguir moscas e marimbondos, que proliferam no local. Passa o dia inteiro na rua e, às vezes, quando não dorme cedo é obrigado a ficar no bar enquanto os casais ocupam sua cama para os encontros amorosos. Idêntica situação é vivida por Leila, uma menina de seis anos, também maltrapilha e que reside com a mãe, uma das mulheres que ainda "trabalham" nos prostíbulos do local.